

Reorientação do olhar: uma aventura científica

Claudia Megale ADAMETES¹

Resumo: Este artigo trata do campo das discussões metodológicas e epistemológicas que envolvem a abordagem e o tratamento do objeto de pesquisa em Ciências Sociais e propõe, com base nas idéias de autores contemporâneos da Teoria Social, não só um deslocamento do olhar em relação ao lugar da pesquisa, mas uma reorientação do teor deste olhar constituído com base em um tipo de racionalidade que se quer a única, dominante, globalizante.

Palavras-chave: Senso comum; cotidiano; ausência; razão.

Abstract: This article to concern about das discusses **metodológicas e epistemológicas** what include the approach and the research's object in Social Science and it proposes, it's based with ideas of contemporaries authors from Social Theory, it doesn't only a sight's dislocation with regard to the research place, but a reorganization of the text from this sight with a kind of reasonable what to want to be only, predominate, global.

Keywords: Common sense; daily; absence; reason.

Introdução

Em aventura científica – sociológica, individual, vivida - à procura da verdade, à captura (im) precisa do real, as reflexões epistemológicas e a construção de espaços para as práticas de pesquisa definem-se no jogo entre os universos **objetivo**, externo, total, dado e **subjetivo**, interpretado, cotidiano, construído. Do novo espírito científico, dedutivo, racional, mediato, às percepções mais espontâneas e sensíveis que emergem do diálogo sujeito-objeto, percorremos os lugares nos quais se revelam *histórica e simbolicamente as relações sociais* e nesse movimento, no exercício histórico da construção das ciências, impõe-se, centrais, rupturas e recuperações das pré-noções em “simplicidade tentadora” (BACHELARD, 1968).

Na dinâmica das transformações da sociedade atual, em meio à emergência de novos processos culturais-econômicos-políticos, nos deparamos com objetos e lugares que instigam abordagens repensadas e, nesse sentido, focamos o processo metodológico e perseguimos a descoberta além da prova porque

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara - SP.

sabemos, hoje, de um real constituído historicamente - além das imediatas representações, mas também por elas-, em “rupturas e paulatinas reconstruções” (BOURDIEU et al., 2000). Neste deslocamento, coloca-se em jogo as macro abordagens, construídas pelas preocupações e elaborações do pensamento clássico. Reflete-se sobre o empírico, discute-se o erro. Desloca-se o olhar e reelabora-se o foco.

Na ordem dos impasses paradigmáticos assim gerados, em meio à sugerida fragmentação pós-moderna, os discursos polarizam esferas e estabelece-se, por exemplo, o cotidiano como campo privilegiado das revelações mais subterrâneas, como local para a compreensão da construção dos fatos, incorporam-se interpretações primeiras e a “aparência” ultrapassa o sentido de ilusão. A compreensão da subjetividade, do chamado caráter simbólico, das experiências, das representações tecidas nas interações sociais, nos processos de socialização-ressocialização, passa a compor a relação objetividade-cientificidade das ciências sociais.

Este movimento de reelaboração de uma Sociologia que abarque e **concilie** a teoria clássica, próprio fundamento dessa ciência, as possibilidades de abordagem das questões trazidas pela configuração de um **novo mundo** indica a importância de uma percepção mais sensível da relação subjetividade-objetividade: trata-se de perceber a dupla dimensão da realidade social, de compreender *o sentido* do estrutural, institucional, e as formas pelas quais se estabelece a interiorização desta realidade, de como o homem organiza o vivido². (1970)

Em outras palavras, lembrando Foucault, o objeto das ciências humanas é o sujeito qual, no interior das formas de produção que organiza e constitui sua existência, constrói a representação das suas necessidades e desejos, a representação da sociedade pela qual, com a qual ou contra a qual se satisfaz. Não se trata da análise do ser humano em sua natureza, mas do que está entre o que somos - vivemos, trabalhamos, desejamos - e o que é a vida - como vivemos, como o trabalho se estabelece, como desejamos.

Trata-se, desta forma, de pensar as totalidades, as relações inquestionáveis de dominação e poder trazidas pelo desenvolvimento incansável da lógica capitalista levando em conta o experimentado, o cotidiano, as práticas vivenciadas pelos sujeitos em capacidade reflexiva e interpretativa de si e dos processos dinâmicos que regem sua existência. Tais questões anunciam o jogo entre o real definido em relação à sua totalidade anterior e externa e sua apreensão

² De acordo com a concepção de Alfred Schutz (apud MARTINS, 1998).

individual, realizada de interpretações, de recortes multiculturais, que se revelam, nesse processo, identitários; o jogo entre o todo e as partes, o coletivo e o particular, o macro e o micro, o *totem* e a experiência.

Neste redesenho teórico-epistemológico das ciências sociais delineiam-se propostas que, num mesmo movimento, negam e recuperam as teorias clássicas num sentido de elaboração de novos consensos heurísticos que considerem complexidades e inter-relações, alarguem fronteiras de ação social e equilibrem a antinomia particularismo-universalismo, em direção ao reencantamento do mundo, à “pluralidade de mundividências”. Em questionamento aos modelos clássicos e às abordagens que se pretendem globalizantes, à caça dos espaços dos indivíduos, da natureza essencial das relações, inscrevem-se referências, novas linguagens, caminhos: fenomenologia, etnometodologia, individualismo metodológico, atomístico, neo-funcionalismo, os quais por sua vez, sublinham a questão do ator social, da setorização, do movimento social, da pessoa.

Procuramos, no equacionamento do dilema indivíduo-sociedade, os sujeitos em seus significado, afinal, “a subjetividade é inerente à ação social” (WEBER, 1979), as convergências e (des) continuidades, as identidades que podem indicar mecanismos estruturais e reconciliar leis gerais com dia-a-dia para uma revisitada epistemologia da ciência social; integramos o senso comum e partimos do indivíduo, desvendamos intersubjetividades no vivido experimentado sem que o método se transforme em teoria em si, mas seja caminho necessário e enriquecedor à problematização e entendimento dos conflitos globais, das lutas de classes, desta miséria avassaladora e estrutural.

Espaços e Reencantamento

“É na prática que se instalam as condições de transformação do impossível ao possível”.
(MARTINS, 1998)

Rumo à objetiva apreensão do real, estabelecido filosoficamente em diversas acepções, elaboram-se método e instrumentos, organiza-se base epistemológica. Classifica-se, a partir daí, os objetos passíveis de conhecimento – os fatos sociais. Definidos como coisas, exteriores e anteriores às representações dos sujeitos; como fragmento finito da realidade social infinita; como resultado de múltiplas determinações, composto de aparência – primeira etapa do

conhecimento - e essência – conjunto de mediações para a compreensão -, os fenômenos sociais estendem-se, em nossas mãos, às análises, interpretações e desvendamentos.

Temporalmente, a realidade se transforma e anuncia novidades, exige reelaborações, apresenta novos casos. Talvez se disponha mais complexa e numerosa de questões, talvez tenha se fragmentado, apresentando aspecto caótico, talvez tenha se aberto em muitos focos que se sobrepõe ao que esteve centralizado nos últimos duzentos anos. O fato é que as transformações costuradas através dos tempos têm reunido muitos esforços de interpretação e reorganização de uma abordagem que tenha eixo epistemológico e coerência de investigação.

A própria necessidade de reorganização aponta para uma perda de orientação de equacionamento das desestruturas sociais – objetivo mais íntimo do sociólogo - geradas pelas relações capitalistas de poder descritas por Marx e discutidas pelos pensadores daquele século. Se for verdade que essencialmente o problema seja o mesmo – o contínuo desenvolvimento do modo de produção capitalista que repisa exclusões, desigualdades, abismos éticos, ecológicos, violência; que reproduz relações de poder reafirmadores desses processos -, também é verdadeiro que haja novas roupagens. É verdade que o equacionamento deve ser repensado e, acredita-se, no sentido ainda de profunda transformação dos padrões vigentes. Assim, é fato que o foco central se pulverize em outros, múltiplos e que busquemos orientações para tratar, problematizar e agregar esses desfolhados núcleos novamente à questão central gerada desde o início do desenvolvimento do atual modelo econômico.

Diante da mundialização dos processos produtivos e seus mecanismos de dominação, depara-se com a questão dos regionalismos e procuramos os sujeitos, os narradores desse processo – procura-se perceber como se estabelecem as inclusões econômicas implicadas – até que ponto? – por exclusões culturais e perdas de sentido identitário. Quem sabe, são essas as questões que podem alargar o campo de compreensão do humano para o sentido de sua realização e sobrevivência completa e digna, realizada no agora possível, e não projetada para um futuro utópico, em detrimento do salve-se quem puder!

Nesse caminho, estruturam-se muitas reflexões tanto de natureza epistemológica (estão em xeque os clássicos?), quanto de natureza estritamente procedimental – como os meandros da pesquisa podem revelar chaves para o entendimento? Como a prática metodológica pode produzir objetividade, sem cair em relativismos ou se fechar em si mesma? De qualquer forma, são ricas e

envolventes todas as discussões alavancadas pelos impasses deste mundo de agora, porque trazem como fundamento a própria necessidade que temos, homens e mulheres destes tempos, de compreensão dos nossos caminhos e processos individuais-coletivos, de como sermos e estarmos aqui.

A Recuperação do Senso Comum

Já está em Weber a preocupação em conciliar a individualidade a um método científico rigoroso, de interpretar a ação social e explicá-la em relação causal, de conceber a realidade ao mesmo tempo como objetiva e subjetiva. No período entre guerras, por conta da preocupação em compreender as intensas transformações em curso, despontam a Sociologia do Conhecimento e a Fenomenologia, ambas marcadas pela elaboração do empírico: uma nova objetividade pode ser obtida “(...) não por meio da exclusão de valorações, e sim através da percepção e do controle crítico destas” (BASTOS, 1998); trata-se de percebermos os significados presentes no mundo do “indivíduo consciente” (SCHUTZ apud MARTINS, 1998). Lançam-se, assim, as bases para o estudo do cotidiano rumo à percepção da história social.

Nesse mesmo sentido, em meio a continuadas e desestruturantes transformações, Martins (1998) declara que “a História bloqueada pelo capital e pelo poder fez da vida cotidiana o refúgio para o desencanto de um futuro improvável” (p.1). Como nova fronteira de análise, foca-se a **sociabilidade**, definida por “circunstâncias imaginárias” e significados compartilhados, exercida no espaço do dia-a-dia, do vivido³, onde exercitamos contradições e descontinuidades: espaço de captação de movimentos criativos, “contrapesos da soberania do capital e do poder”, espaço da articulação da mudança, da “reversão simbólica”. Espaço das experiências multiculturais, das particularidades, do regional.

Se o Estado (que representa o estrutural) não é mais a fronteira aglutinadora ou o campo das respostas e se esse movimento inscreve-se agora em conciliação com o nível do sujeito, é inevitável pensar que, se por um lado a vida se realiza plena de sentidos, onde residem os contrafluxos do poder, por outro, um movimento amplo de ação é sufocado pela distância política real (no sentido de articulação, engajamento, consciência) entre esses sentidos e a possibilidade de sua realização coletiva. Nesse ponto, faz-se necessário o foco estrutural-teórico, ainda que seja imprescindível o deslocamento do olhar para as especificidades numa “(...) profunda reflexão epistemológica sobre o conhecimento científico” (SANTOS, 1999, p.71).

³ Na concepção de Lefebvre (1998), como fonte de contradições que invadem a cotidianidade nos momentos de criação.

Em meio ao impasse do imobilismo, da perda das esperanças, é importante ampliar a definição de *sensu comum* e estabelecer que seu caráter de campo de potencialização de mudanças fundamenta-se na compreensão de que o conjunto dos significados compartilhados que o compõe é reinventado continuamente:

A reprodução social (...) é reprodução ampliada de capital, mas é também reprodução ampliada de contradições sociais: não há reprodução de relações sociais sem uma certa produção de relações – não há repetição do velho sem uma certa criação do novo, mas não há produto sem obra, não há vida sem História. Esses momentos são momentos de anúncio do homem como criador e criatura de si mesmo. (MARTINS, 1998, p.6)

Pensar e trabalhar o *sensu comum* – o que é, como é constituído, como está mediado, por exemplo, pelos canais de comunicação, através da história oral ou reconstituição de trajetórias, ou ainda de histórias de vida implica pensar o controle metodológico da subjetividade, em criar parâmetros que permitam o trato científico. Um dos caminhos é lembrar que todo dado pressupõe elaboração teórica anterior e que a captação empírica não se reduz em mera observação, ela se estabelece em procedimentos metodológicos que devem se dispor, por sua vez, como “teorias em atos”. Todas as técnicas de pesquisa são também “técnicas de sociabilidade socialmente qualificadas” (BOURDIEU, 2000), sendo que não existem, assim, perguntas ou posturas neutras.

Vivendo, reinventamos, dispomo-nos em movimento ora criativo, ora repetitivo de inércia e desalento, todos os dias; e todos os dias produzimos e falamos do que nos aconteceu, montamos memórias de fragmentos e sensações, de idéias acabadas e inacabadas: quebra-cabeças de peças que se encaixam e reencaixam de muitas maneiras e que nos dá o tom do que somos, o desenho dos elementos que nos compõe, que compõe nossa vivência, as estratégias que nos possibilitam continuar. Universos individuais, familiares, dos grupos - eis o campo empírico de pesquisa.

Abrimo-nos então, para a escuta e damos valor e atenção às palavras ditas, à narração. Percorremos os meandros das frases e, de trechos em trechos, reconstituímos trajetórias de vida. E buscamos nelas, em demoradas e cuidadosas técnicas de seleções, tipificações, apurados recortes, os apontamentos que nos permitirão deduzir e concluir sentidos de ações, o imperceptível, o que não se diria sem o direcionamento do percurso metodológico. Recriamos as histórias das vidas, remexemos e trazemos à tona as memórias num processo de conhecimento e reconhecimento encontrando os atores em pleno movimento

de existência, eles se encontram e nos encontramos também. E lembramos.

O Olhar

Em primeiro lugar, a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante. Em segundo lugar, esta experiência social está a ser desperdiçada.

(SANTOS, 2002)

Muitas vezes, porém, nesse movimento onde o olhar se desloca em direção a novos lugares de análise, sabemos que estamos em contato com o escondido, com as diversidades sufocadas por processos mais gerais fundados em lógicas globalizantes, produtivistas, instrumentais e, justamente por sabermos de tudo e também estarmos, aqui, presos a essas lógicas, não somos capazes de - como diria Santos (2002) - “traduzir” o que vemos. E o que vemos é descrito e compreendido, valorizado, reencontrado sim, mas a partir do olhar cujo teor é constituído com base em um tipo de racionalidade que se quer a única, dominante, globalizante maneira de viver e de se relacionar com o tempo, o espaço, o cotidiano, a vida.

A crítica ao teor do olhar não é novidade no campo das ciências humanas - está presente nos estudos sobre culturas, como fundamento das teorias antropológicas, nos estudos sobre alteridade-identidade, nas etnografias, na Sociologia de Benjamin, em Leibniz e em inúmeros outros campos de tradição teórica - e pode ser hoje um aprendizado para a compreensão de diversos fazeres sociais inscritos pela necessidade primeira da sobrevivência. Nos lugares onde a sobrevivência mais objetivada (comer, beber, respirar...) é obstruída constantemente, residem mecanismos e fazeres muitas vezes não incluídos nos discursos globalizantes como conhecimento e luta cotidiana.

Pode-se pensar nisso agora, ao lembrar do processo da pesquisa (ADAMETES, 1999), nas questões que foram se abrindo à minha compreensão tão inexperiente - sobre catadores de lixo realizada na cidade de Araraquara, interior de São Paulo. Buscava-se, naquele momento, os sentidos imprimidos à vida daquelas pessoas que, oficialmente, existiam sob a condição de excluídos sociais. Embora os primeiros caminhos da pesquisa tenham levado à realização de uma crítica às idéias assim estabelecidas de inclusão/exclusão, acredita-se que o valor real deste trabalho foram as possibilidades, muitas ricas das vivências

abertas à análise da pesquisadora. Naquelas vivências estavam saberes criativos para a articulação da sobrevivência, da existência, não só imediata, mas mais plena de significados como sempre queremos – sempre (des) classificadas ou desvalorizadas por uma racionalidade que obscurece, não deixa emergir, que bloqueia potencialidades.

Nesse sentido, Santos (2000), propõe, através de um elaborado mecanismo metodológico que coloca em questão não só o lugar da análise, mas o sentido da razão ocidental capitalista, uma **Sociologia das Emergências**, cuja realização opera no sentido de realizar no espaço do possível, das realizações cotidianas legítimas (porém não legitimadas pelo modelo racional dominante e, portanto, “ausentes” aos olhos “oficiais”), uma coerência entre experiências e expectativas, fundamento das mudanças “no agora”. Esta idéia pode aprofundar as discussões em pauta ao procurar a reconstituição do teor do nosso olhar para além dos lugares e focos e talvez para uma reorientação interna mesmo do pesquisador – seja um ativista social, um agente que vivenciou experiências sociais excludentes, alguém que foi atropelado ou se sensibilizou com as questões relacionadas a todas as formas da exclusão que desvaloriza, oprime e aparta. Trata-se de reorientar os sentidos da nossa compreensão, de observar em que está fundamentada nossa **motivação**:

O sociólogo Shiv Vishvanathan formulou de uma maneira incisiva (...) a motivação que eu aqui designo como motivação para o trabalho de tradução: ‘o meu problema é como ir buscar o melhor que tem a civilização indiana e, ao mesmo tempo, manter viva a minha imaginação moderna e democrática’ (...). Se [este exercício] fosse conduzido entre Vishvanathan e um cientista europeu ou norte-americano é possível imaginar que a motivação para o diálogo, por parte deste último, fosse formulada assim: ‘como posso manter vivo em mim o melhor da cultura ocidental moderna e democrática e, ao mesmo tempo, reconhecer o valor da diversidade do mundo que ela designou autoritariamente como não – civilizado, ignorante, residual, inferior ou improdutivo?’ (SANTOS, 2002, p.265)

Considerações Finais

“Os fatos e acontecimentos sociais são sempre materiais e espirituais.”(IANNI, 1990)

Os descaminhos e reelaborações teóricas destes tempos traçam

fundamentalmente a crítica à filosofia cartesiana em sua característica totalitária - estática, determinista, funcional, mecanicista etc., e devem se orientar não na exaltação ou centralização, mas na busca da *liberdade de abordagem* das especificidades, intersubjetividades, ou como propôs Santos, das pluralidades inscritas em objetos delineados por “fronteiras cada vez menos definidas”, ou talvez menos claras, porque reinventadas pelo próprio movimento imaginativo e criativo do ser humano. Nesse sentido, por uma “racionalidade mais plural”, ou em retomada da “imaginação sociológica”, os debates nas ciências sociais tomam fôlego e polemizam posicionamentos: como estão se fundamentando as pesquisas nessa área do conhecimento, o que estamos perseguindo ou pretendendo com nossas pesquisas? Acredito que procuramos, hoje, lugares, espaços, brechas para a retomada de uma postura crítica face aos continuísmos reafirmadores de processos desiguais que de alguma maneira emancipe, resgate mobilidade, ou reorganize nortes, oriente sentidos de existência, pois encontramos, muitos, inconformados, mas imóveis. Imóveis porque as reflexões ou expressões livres, novas, sendo realizadas não estão visíveis, são ainda muito pouco iluminadas, mal recebidas. Porque, desacreditados das perspectivas históricas e atropelados pela realidade, perdemos muitas vezes o centro. Por isso ganham força os detalhes, as falas, a vivência que se desdobra em cotidiano; porque é onde detectamos vida, é onde percebemos o movimento pela sobrevivência, que em si carrega resistência e desejo de emancipação, além da aparente inércia. Por isso, o foco está mais nos sujeitos do que nos processos, na caminhada mais do que na estrada, mais nos pés do que no chão.

Referências

- ADAMESTES, C. M. **O olhar da inclusão**: possibilidades de pesquisa de campo com catadores de lixo. 1999. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- BASTOS, E. A fenomenologia e as ciências sociais: a problemática da sociologia do conhecimento. **Cadernos PUC**, São Paulo, n. 19, 1998.
- BOURDIEU, P. et al. **A profissão de sociólogo**: preliminares epistemológicas. S. Paulo: Vozes, 2000.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Lisboa: Portugaláia, 1970.

IANNI, O. A crise de paradigmas na Sociologia. **Cadernos IFCH**, Campinas: n. 20, p. 35, 1990.

MARTINS, J. de S. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-8, 1998.

SANTOS, B. S. **Da ciência moderna ao novo senso comum**. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, 2002.

WEBER, M. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, G. (org.) **Max Weber: sociologia**. São Paulo: Ática, 1979. (Grandes Cientistas Sociais, 13).